



**A REVISTA VEJA E A CONSTRUÇÃO DO LUGAR IDEOLÓGICO PARA O MST
NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

**THE VEJA MAGAZINE AND IDEOLOGICAL CONSTRUCTION OF PLACE FOR
MST IN BRAZILIAN SOCIETY**

Nadir Lara Junior*

Doutor em Psicologia Social/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

E-mail: nadirl@unisinos.br

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Cláudia Fraga

Bacharel em Ciências Sociais/Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Professora da Rede Pública Estadual-RS

E-mail: aninha-fraga@hotmail.com

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Endereço: Nadir Lara Junior

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Av. Unisinos, 950,
Bairro Cristo Rei, CEP: 93.022-000 - São Leopoldo/RS, Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 10/08/2013. Última versão recebida em 03/09/2013. Aprovado em 04/09/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Apoio e financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar como a Revista Veja constrói o Lugar Ideológico para o MST na sociedade brasileira. São apresentados dados da pesquisa realizada e, para tanto, utilizamos como técnica a pesquisa documental, cujo foco são as capas da revista do período de 1995 até 2012 em que houvesse menções em texto e imagem ao MST. Uma vez analisadas todas as capas selecionadas, pudemos verificar que no discurso dessa revista o MST (e podemos estender a qualquer outro movimento que crie oposição ao sistema capitalista no Brasil) ocupa o lugar ideológico do criminoso, baderneiro, violento, louco, entre tantos outros significantes. Nessa lógica, aquele que deve ser excluído da sociedade por apresentar risco à ordem social.

Palavras-chave: ideologia; significante; discurso; psicologia social.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the Veja magazine constructs the Ideological Place to the MST in Brazilian Society. This article show data of the researches realized, for this reason we used as a technical the documental research focusing on the covers of the magazine from 1995 until 2012 where there were mentions in text and image to the MST. Once analyzed all selected cases, we observed that the discourse of this magazine the MST (and we can extend to any other social movement that create opposition to the capitalist system in Brazil) takes the ideological place of the criminal, Hooligan, violent, mad, among many other signifiers. In this logic, the MST is that should be excluded from society because present risk to social order.

Keywords: ideology; signifier; discourse; social psychology.

1. INTRODUÇÃO

O debate que se coloca aqui está associado ao “Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Ideologias Políticas e Movimentos Sociais” ligados ao PPG de Ciências Sociais da UNISINOS. Neste espaço buscamos desenvolver pesquisas que auxiliem na compreensão e análise da ideologia no atual contexto social e político, dando ênfase principalmente à relação entre movimentos sociais e Estado.

Dessa maneira, o objetivo deste artigo é analisar como a Revista Veja constrói o Lugar Ideológico para o MST na sociedade brasileira. Escolhemos a revista Veja para essa análise, visto que é produzida por um dos maiores grupos de comunicação do Brasil: Grupo Abril, fundado por Victor Civita, em São Paulo, no idos de 1950. Hoje esse grupo é composto principalmente pela editora de revistas Abril S.A.; editoras de livros Ática e Scipione; Abril Digital; operadora de TV por assinatura TVA e pela concessão da MTV no Brasil.

Esse grupo de comunicação foi se fortalecendo, especialmente, após o golpe militar de 1964, com o apoio dos militares que incentivaram grandes monopólios como estratégia para que houvesse concentração de poder em poucas famílias que representassem os interesses das elites e do governo que se instalava. Em troca, esses conglomerados dariam todo apoio à ditadura e suporte para a divulgação dos ideais dos militares para a sociedade brasileira.

A revista Veja foi lançada em 11 de setembro de 1968 com uma tiragem de 700 mil exemplares. Nos anos 2000 manteve uma circulação de aproximadamente 1.200.000 exemplares por edição; em 2012 a circulação média foi de 1.209.390 exemplares por semana, de acordo com os dados do Instituto Verificador de Circulação - IVC -, divulgados pela ANER (Associação Nacional dos Editores de Revistas). A Veja é a 4ª maior revista semanal do mundo.

Em seu *site*, Veja se autodefine como “a maior e mais influente revista semanal de informações do Brasil”, um dado que lhe possibilita essa autodenominação é a sua grande abrangência nacional e seus dados que se mantêm sempre elevados com referência às outras revistas.

Veja atinge um público pertencente a uma suposta elite intelectual e econômica, considerando seu alto preço para uma revista semanal, em comparação a outras revistas. Outro fator é a forma densa com que apresenta seus temas, atingindo um público que não se basta com notícias curtas, mesmo que no tempo de uma semana já venham notícias novas.

Pesquisas recentes mostram os assuntos predominantes nas capas das revistas nacionais mais importantes (Época, IstoÉ e Veja), os temas circulam entre autoajuda, sexo,

saúde e dietas. Segundo Maria Alice Carnevalli, aparecem em Veja notícias que não estejam dentro destes temas, em uma média de apenas 12%. De todas as revistas pesquisadas por ela, é a que mantém o índice mais baixo.

Em 2005, pesquisa realizada por Alexandre Augusti, verificou a ocorrência de 22 reportagens de capa sobre comportamento, numa amostra que reuniu 56 revistas, entre setembro de 2003 e setembro de 2004. O tema saúde esteve presente em 77,27% do *corpus*, enquanto os valores prazer, beleza e inteligência apareceram em 54,54% do total. (ALMEIDA, 2008, p.13-14)

Estes dados nos levam a pensar qual o lugar ideológico que o MST ocupa para merecer destaque em suas capas, já que a pesquisa acima comprova que Veja prioriza temas populares que garantam a alta vendagem da revista.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para um levantamento de dados necessários, utilizaremos a pesquisa documental como técnica que nos ajudará a levantar com mais precisão os dados que buscamos. Pois, segundo Almeida et al (2009,p.5)

Tanto a pesquisa documental quanto a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador.

Escolhemos essa técnica, pois nos fornece elementos para fazermos uma análise dos dados veiculados em cada documento, e também nos interessa saber a quantidade de material registrado e em qual período histórico essas capas são produzidas. Os documentos (capas das revistas) nos darão condições de compreender como o MST é apresentado para a sociedade brasileira, principalmente nas questões políticas e ideológicas. Através das manchetes e desenhos de capa essas questões ganham forma e expressão.

Depois que os documentos principais foram selecionados, começamos a classificá-los segundo critérios coerentes com os objetivos da pesquisa e que nos ajudaram a identificar e esclarecer o fenômeno em questão. Em seguida, criamos duas categorias: capas publicadas no período do Governo Fernando Henrique Cardoso e capas publicadas durante o governo Lula e

Dilma Rousseff. Com as duas categorias levantadas, partimos para um processo de discussão dos resultados obtidos nos levantamentos.

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devam ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência. (ALMEIDA et al, 2009, p. 10).

Dessa maneira, a construção dessa pesquisa se deu a partir da busca das capas de Veja no site da revista e no acervo da biblioteca da UNISINOS, que possui um grande número dessa revista catalogado em arquivo.

A busca se ateve ao período de presidência de Fernando Henrique Cardoso, passando pelo governo de Luís Inácio Lula da Silva, até chegar aos dias atuais, com o mandato ainda petista da presidenta Dilma Rousseff, correspondendo ao período de 1995 até fins de 2012.

Nossa primeira busca foi por referências explícitas nas capas aos Movimentos Sociais, de modo geral, seja pelo texto, pela imagem, seja por ambos. Essa busca encontrou sete capas e todas faziam menção ao MST. A partir disso, decidimos dedicar nossa análise a esse movimento em específico.

Foram excluídas as capas que traziam a temática dos Movimentos Sociais nas manchetes secundárias, ou sobre partidos políticos e que a reportagem interna fazia menção a algum movimento social. Como exemplo temos “Os PTbulls”, capa que faz menção ao PT e nela há um “braço” do partido, que seria seu grupo armado, na reportagem interna este grupo é o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.

Na análise dos resultados procedeu-se à apresentação de todas as capas que atendiam aos nossos critérios, colocamo-las em quadros, com manchete principal, secundária e data de publicação, a fim de facilitar a compreensão do leitor, visto que a revista não autoriza a divulgação das capas. Por fim, fizemos uma análise dos discursos sobre os sentidos evocados e os arranjos entre imagem e texto¹

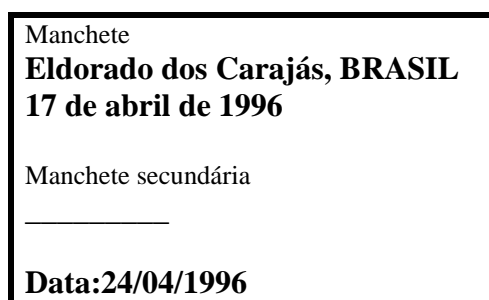
¹ Este texto, como se trata da divulgação dos resultados das pesquisas realizadas, não fizemos uma discussão mais extensa acerca de ideologia e discurso, para aprofundar esse debate, sugerimos a leitura do texto que se encontra em LARA JUNIOR, 2012b.

3. APRESENTAÇÃO DAS CAPAS

3.1 Revistas lançadas durante a gestão Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)

A análise das capas da revista Veja inicia-se com a edição de 24 de abril de 1996 sobre a chacina de Eldorado dos Carajás.

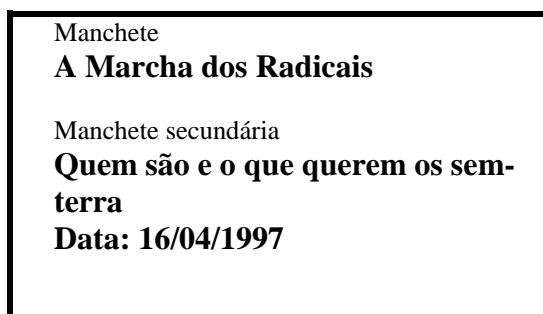
Figura 1 – Manchete sobre a chacina de Eldorado dos Carajás



A capa traz uma única imagem, um tanto desfocada, de um sem-terra morto, marcado com muito sangue, fazendo alusão a um acontecimento no qual houve muita violência. Não há chamadas secundárias para outras reportagens, e não se explicita sobre o que é a matéria, apenas se faz menção à data e ao local do ocorrido.

Sem texto sobre a imagem, a capa deixa a imaginação dos leitores fluir em um caminho que estimula o leitor a acessar o texto interno de Veja.

Figura 2 – Manchete sobre “a marcha dos radicais”

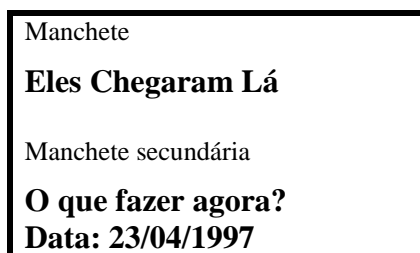


A capa desta edição traz a imagem dos militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra em marcha, com muitas bandeiras do movimento, mas colocando o foco para uma grande cruz disposta em frente à única bandeira do Brasil presente na marcha, de forma a não dar destaque para as bandeiras do movimento, utilizando-as para criar um fundo vermelho

para a imagem fazendo alusão à violência, como se o Brasil estivesse sujo de sangue, tomado por sujeitos extremistas que carregam bandeiras vermelhas.

O texto em sua manchete principal os adjetiva de radicais, enquanto a manchete secundária informa que na reportagem Veja sentenciará quem são os militantes e qual é o objetivo do movimento, instigando o leitor a acessar a reportagem para obter informações da matéria de capa, já que trabalha o seu texto em forma de incógnita novamente.

Figura 3 – Manchete “eles chegaram lá”

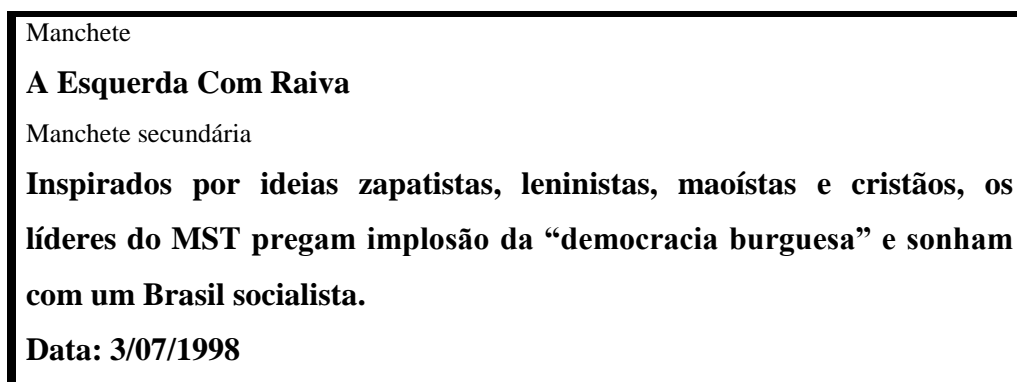


Como podemos observar pela data, esta edição é a posterior à capa “A Marcha dos Radicais” que por sua manchete principal informa aos leitores que os militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra “Chegaram Lá”, e em sua manchete secundária indaga: “O que fazer agora?” o que pode ser lido como uma questão ao leitor, ou ao próprio movimento, como se eles não soubessem o que fazer, ou ainda ao Estado, que os receberia e deveria ter respostas para as suas solicitações, ou ainda pode ser no mesmo sentido das outras duas capas analisadas até agora, que deixa uma incógnita a ser respondida pela própria revista.

A imagem traz o Congresso Nacional com um vasto céu vermelho, como se Brasília estivesse sob um céu de sangue/violência, e uma pequena parte da marcha, com metade da rua vazia, optando por não mostrar os 40 mil militantes que estavam presentes no ato.

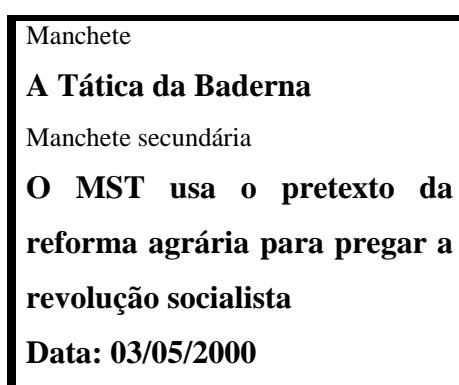
Na capa seguinte, a imagem enquadra o rosto do líder nacional do MST em uma expressão tensa, com uma luz avermelhada, “demonizando” sua face com um jogo de luz e enfoque exagerado sobre sua tez. O texto reforça a ideia trazida pela imagem “A esquerda com raiva”, enquanto a manchete secundária sentencia a violência quando diz que os líderes do MST pregam a “implosão da democracia burguesa” e “sonham com um Brasil socialista” colocando esta possibilidade em nível de utopia, de devaneio dos militantes deste movimento extremamente violento.

Figura 4 – Manchete “a esquerda com raiva”



A capa seguinte é a única que mostra claramente a bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, com um campo desfocado ao fundo, desconectando a bandeira da terra para assim compor a imagem. A manchete principal os denomina de baderneiros, com a palavra “baderna” sublinhada em vermelho, logo abaixo da imagem da bandeira, o que acaba por fazer um jogo com as palavras “baderna/bandeira”, ligando a palavra com a imagem, reforçando a ideia de um movimento que ao invés de luta política, pretende outra coisa: a baderna/bagunça, criando uma retórica visual, fazendo com que o movimento seja reconhecido por um determinado comportamento. O texto da manchete secundária alega que o movimento pretensamente busca a terra, e a reforma agrária é um simples disfarce, segundo Veja, para o que realmente se quer fazer: uma “revolução socialista”.

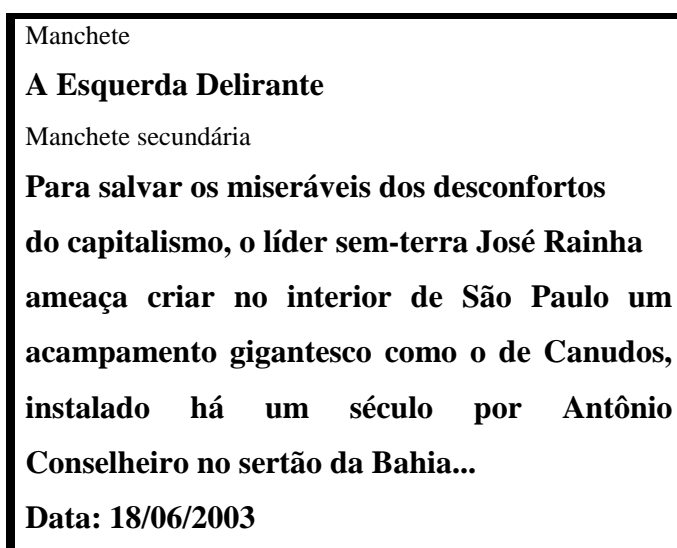
Figura 5 – Manchete “a tática da baderna”



3.2- Revistas lançadas durante a gestão Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)

Esta capa traz a foto de José Rainha com um olhar distante, fazendo um gesto com a mão como se estivesse falando ao léu, como um devaneio, algo difícil de alcançar; com o boné do movimento disposto de forma despojada, mal colocado e torto, o que reforça o estereótipo de alucinado. A foto faz relação com a manchete principal: “A esquerda delirante” remetendo a José Rainha a expressão de delírio e desequilíbrio mental.

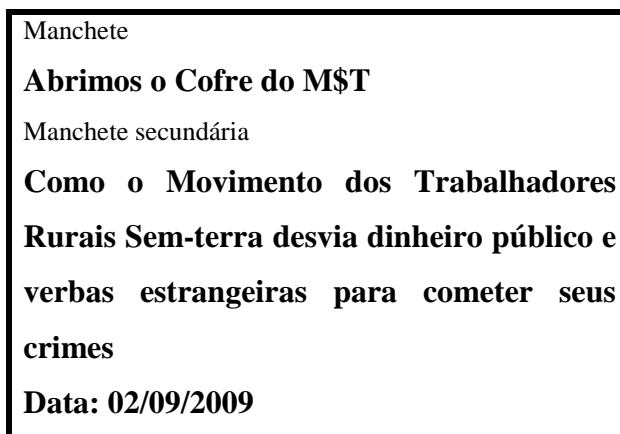
Figura 6 – Manchete “a esquerda delirante”



A manchete secundária trata de explicar qual seria este devaneio sem nexos, e utiliza a palavra “ameaça” para dizer que o movimento está realmente se propondo a colocar este delírio anticapitalista em prática, criando um acampamento gigantesco.

A capa a seguir, de setembro de 2009, traz como imagem principal um boné virado, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, cheio de dinheiro ao ponto que algumas notas em real e em dólar estão caindo para fora. O texto principal traz o nome do movimento com um cifrão no lugar do ‘S’ do MST, alegando que Veja abriu o cofre do movimento, dando sentido à imagem cheia de dinheiro, sentenciando, assim, que o movimento possui muito dinheiro.

Figura 7 – Manchete “abrimos o cofre do MST”



A frase da manchete secundária sentencia que o movimento é corrupto, desviando dinheiro público, e que recebe verba do estrangeiro para cometer crimes, e ainda promete desvendar como o movimento faz todas estas atrocidades, adjetivando o movimento de criminoso em uma única manchete.

No governo Dilma Rousseff (2011 até dezembro de 2012) não houve capas desta revista constando nada sobre o MST ou qualquer movimento social.

4. O LUGAR IDEOLÓGICO DO MST: DA BADERNA À LOUCURA

4.1 Sobre discurso e lugar ideológico

A Análise de Discurso tem como objetivo de estudo o próprio discurso, que por sua vez se apresenta como o lugar específico em que podemos observar a relação entre linguagem e ideologia, neste caso veiculado através da mídia e aqui apresentado.

A linguagem faz parte da constituição dos sujeitos, é o que vai dando sentido às coisas, aos sentimentos, etc. O discurso supõe um sistema de significantes que estão na linguagem, lembrando que esta é a inscrição da história na língua. O discurso coloca como base a noção de materialidade seja histórica, seja linguística ou ambas. A Análise de Discurso necessita de uma interação entre história, sujeito, linguagem e ideologia. Considerando que destes conceitos “a ideologia é vista como o imaginário que media a relação do sujeito com suas condições de existência. (...) a ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação” (ORLANDI, 1994, p.56).

Não são traços sociológicos e políticos empíricos que formam os discursos, mas sim as formações imaginárias e simbólicas que se constituem a partir das relações sociais que

funcionam como discurso: a imagem que irá se formar de um invasor, de um louco, baderneiro, etc.

Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição de sujeitos discursivamente significativa. No que diz respeito ao ideológico, não se trata de procurar “conteúdos” ideológicos que seriam a ocultação da realidade, mas justamente os processos discursivos em que ideologia e linguagem se constituem de forma a produzir sentidos. (ORLANDI, 1994, p.56).

A ideologia é um mecanismo que produz conceitos e sentidos, que está na e para além da interpretação de qualquer objeto simbólico. Somos incitados a todo tempo a interpretar o que as coisas querem dizer, nesse exercício de interpretação muitas coisas estão no liame social evidenciadas por um determinado sentido, advindo de um processo contínuo determinado pela materialidade da língua e da história. Neste sentido, a ideologia tem o papel de garantir o conceito que já está dado, fazendo com que pareça que sempre foi assim, e sempre será, naturalizando os fatos e mantendo-os sempre para a mesma direção. “Dito de outra forma, se se tira a história, a palavra vira imagem pura. Essa relação com a história mostra a força do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de construir práticas.” (ORLANDI, 1994, p.57).

Os sentidos são construídos em condições específicas, em sua relação com a exterioridade, com um direcionamento histórico-social, em relações simbólicas derivadas de processos imaginários que se tornam a própria realidade dos sujeitos, assim a percepção sobre as coisas já está sempre atravessada por outras percepções.

“Para isso, a Análise de Discurso se confronta com a necessidade de abrir conjuntamente a problemática do simbólico e do político” (PÊCHEUX apud ORLANDI, 1998, p.74). Abrir essa problemática significa ir além da situação imediata, é preciso analisar a discursividade, a materialidade simbólica, em seus diferentes contextos históricos e políticos, significa, ainda, analisar o trabalho da ideologia naquele contexto, que constitui a realidade daqueles sujeitos, (materialidade textual e simbólica).

Assim, podemos dizer que a realidade é produzida por um discurso constitutivo da relação sujeito/sentido, que faz parte da relação imaginária dos sujeitos com o simbólico, e que para analisar este processo, precisamos analisar o histórico pelo qual esses processos se inscrevem, buscando o real destes processos, no qual o simbólico está colocado.

Nos processos de socialização são distribuídos os lugares discursivos, segundo a cultura e a classe social do grupo a que pertence o sujeito. Desse lugar, os sujeitos aprendem a

se posicionar na sociedade, respondendo a regras e orientações a que são determinadas segundos critérios construídos por discursos de poder.

Para Magalhães e Mariani (2010, p.405), por essa razão os sujeitos mesmo antes de nascerem são submetidos à ação ideológica, pois ao nascer seu lugar discursivo na sociedade estará demarcado: mulher, negra, empregada doméstica... mulher, branca, advogada...

Antes do nascimento, os seres sociais são submetidos à ação ideológica. Normalmente, nas sociedades modernas capitalistas, essa primeira abordagem é feita através dos membros da família nuclear. Inculcações sobre o lugar de homens e mulheres na sociedade são ditadas ao indivíduo pelas escolhas que a família realiza de roupas, quartos, nomes etc., assim como as expectativas, esperanças, objetivos que os adultos têm em relação ao novo ser. Tudo isso participará do inconsciente e vai sendo ressignificado no decorrer da história de vida de cada indivíduo. É importante frisar que esse processo, embora oriundo de relações sociais que afetam todos os seres sociais, é recebido de forma singular, o que faz com que cada indivíduo elabore de forma diferente a mesma práxis, tornando diferenciada a subordinação às práticas ideológicas.

Nesse sentido, pensamos que esses lugares determinados podem ser chamados de “lugares ideológicos”, porque retira do sujeito sua margem de singularidade e liberdade para estarem submetidos à lógica dos discursos hegemônicos que impõem sistemas administrativos para obtenção de lucro e mais-valia.

Nesse lugar ideológico, o sujeito vai se identificando com sua condição (mulher negra; mulher branca; etc.) e com isso passa a seguir as regras de funcionamento de sua condição para sobreviver na cultura a que pertence. Os discursos hegemônicos cumprem a função de naturalizar os discursos para que esses sujeitos respondam de maneira cada vez mais dócil e alienada, decorrente desse lugar que lhe é imposto como a única possibilidade de existir.

Nessa lógica, o lugar ideológico aprisiona o sujeito em determinadas posições em que esse passa a responder às interpelações dos discursos hegemônicos, no caso do Brasil é o capitalismo, tornando assim naturais as diversas formas de opressão. Nesse sentido, aqueles que se propõem a responder a essas interpelações indecentes de posições de sujeito diferentes daquelas determinadas, em geral, são tratados como ameaça ao grupo social. Para tanto, Althusser já assinala a importância dos Aparelhos Ideológicos e Repressores do Estado para garantir a hegemonia discursiva do capitalismo e suas formas de dominação. Veremos a seguir como esse lugar ideológico é construído pela Veja em relação ao MST

4.2 Análise das capas da Veja: construção do lugar ideológico para o MST

Uma vez identificadas todas as capas da revista *Veja*, do período de 1995 até 2012, pudemos verificar que o único movimento em destaque foi o MST – colocados sempre como ícones de um grupo de baderneiros e lunáticos; portanto, no discurso da revista esse movimento (e podemos estender a qualquer outro que crie oposição ao sistema capitalista no Brasil) ocupa o lugar ideológico do criminoso, baderneiro, violento, louco, entre tantos outros significantes. Nessa lógica, aquele que deve ser excluído da sociedade por apresentar risco à ordem social.

Em seu discurso sobre o movimento, *Veja* sempre se coloca no lugar do arauto da sabedoria. Assim, autoritariamente, a revista sentencia ironias com tom de verdade sobre o movimento, fazendo investidas no campo midiático e cultural, produzindo textos e imagens distorcidas, induzindo o leitor a concluir aquilo que desejam que seja concluído: MST - movimento de criminosos.

Como um contestador deste sistema, o MST precisa ser deslegitimado diante da sociedade. Para isso, *Veja* presta o serviço de corroborar para que ideologias sejam criadas e veiculadas para assegurar à sociedade que os movimentos que ousam protestar se tornam um “perigo” iminente à ordem pública.

Nesse sentido, Medeiros (2012) em sua pesquisa com movimentos sociais que se organizam em favelas, diz que historicamente o papel prestado pela mídia brasileira em relação aos movimentos organizados é deslegitimar sua organização e ação a ponto de torná-los desacreditados diante das esferas públicas. Para garantir tal feito, a autora mostra em sua análise sobre a mídia que esta sempre afirma que esses movimentos são “espontâneos” e “sem organização”, dando a entender que não há intenção e razão em suas investidas, dessa maneira fica clara a tentativa de deslegitimar no campo político a participação e a demanda dessa população mais pobre.

Essa autora ainda nos mostra que, para fazer uma análise do discurso produzido pela mídia brasileira, o recorte de classe social não pode ser excluído, devido à clara intencionalidade política desses meios em defender os interesses das elites nacionais e para isso criam uma memória discursiva na qual o conteúdo define que os movimentos sociais de luta por direitos, especialmente do povo mais pobre, são criminosos e pessoas fora da lei e, como são despossuídos de razão e intenção política, eles se tornam sempre uma ameaça ao *status quo operandi*, por isso é sempre legítima a ação rápida e violenta da polícia.

A inexistência de organização e a espontaneidade retiram a possibilidade de legitimidade de tais gestos. Talvez advenha daí a página policial... em outras palavras, a inexistência de organização e a espontaneidade é o modo com que se inscrevem os gestos advindos desses segmentos sociais no político para estarem fora do político. Se é o modo (im)posto de estar no político, é também o modo (já) posto de estar fora dele. (MEDEIROS, 2012, p.211)

Podemos pensar que essa mesma lógica está presente na revista Veja em relação ao MST. Nessa conexão em torno à representação do movimento como ambicioso, sem escrúpulos e corrupto, circulam também os sentidos vinculados ao extremismo e ao devaneio, seja por intermédio dos textos de capa, das imagens, seja pela cor vermelha sempre presente, ligada a crueldade e a sangue. Suas frases de efeito e suas capas se colocam como “verdades críticas”, definindo assim que o lugar ideológico do MST é a marginalidade, exclusão e assim a repressão se torna o “antídoto” para evitar que uma convulsão social afete a ordem e o progresso. Retomando a frase de Medeiros (2012, p. 211) (...) *Se é o modo (im)posto de estar no político, é também o modo (já) posto de estar fora dele.*

Para além das capas da revista Veja trazemos agora, a título de ilustração e fundamento de nossa análise, um breve exemplo de suas reportagens internas que ilustram o teor das críticas dos editoriais e o uso de adjetivos nada neutros para delimitar o lugar ideológico do movimento. Na reportagem da capa “A esquerda Com Raiva”, consta:

Sua principal bandeira, a reforma agrária, é um assunto do século passado, fora de moda (...) há de tudo: desempregados, analfabetos, agricultores arruinados, comerciários sem eira nem beira, gente que foi boia fria ou veio das favelas de grandes cidades. (...) o chamado lúmpen, a expressão que Karl Marx usou para designar “o lixo de todas as classes”. (Veja, 1998, p.43, grifo nosso)

Parece haver nessa “interpretação” da Veja um sentido ideológico que marca o lugar do movimento como aquele que provoca atraso na sociedade, pois não está em sintonia com as normas do mercado atual. Para legitimar esse lugar e torná-lo “natural” para a maioria da população, a revista se vale de alguns engodos, a saber:

Primeiro, colocam as demandas do movimento na lógica da “moda”. Dessa maneira, apresentam a reforma agrária como algo arcaico, levando o leitor a crer que não há mais sentido em manter esse debate em pauta no cenário político, portanto quem insiste em defendê-la pode ser aquele que provoca retrocesso para o país.

Segundo engodo: Veja usa o conceito de lúmpen de Karl Marx, abrindo aspas, dando a ideia de que retirou o conceito diretamente do autor, portanto digno de confiança. Afirmam na reportagem que Marx denomina esta classe como “*o lixo de todas as classes*”. No entanto,

quando revisitamos a obra de Marx verificamos que ele utiliza esse conceito de maneira bastante diferente do que Veja nos faz supor. Vale ressaltar aqui que Marx denominava lúmpen aqueles que não se enquadravam nem na burguesia e tampouco no proletariado, e assim não se ligavam a nenhum ideal político, muito menos à luta proletária, que tinha como pauta a mudança nos meios de produção. “*Em suma, toda essa massa indefinida e desintegrada, atirada de ceca em meca, que os franceses chamam la bohème*” (MARX, 1974, p.372.). Assim, a reportagem distorce um argumento para atingir seus objetivos de convencer seu leitor de que o movimento não é qualificado nem pelo próprio Marx a quem o movimento tem como referência, ou seja, o MST é um equívoco.

Outro engodo é a comparação intencional dos militantes do MST com esta classe (lúmpen: lixo de todas as classes) a fim de deslegitimar o movimento e retirar de seus militantes o adjetivo de trabalhadores, sua condição de cidadãos e que assim, portanto, como “*lixo de todas as classes*” não possuem direitos e podem ser arremessados na lixeira (cadeia ou manicômio mais próximo) sem culpa ou remorso.

Na capa “A Marcha dos Radicais”, de 16/04/1997, a reportagem interna demarca também o lugar ideológico do movimento: “marchadores do atraso”. Essa afirmativa vem se reforçar com a frase da capa lançada na semana seguinte: “Eles Chegaram Lá” (23/04/1997) se referindo que o “lá” é Brasília – lugar do poder político. Na manchete secundária desta capa há essa pergunta: “O que fazer agora?” Para responder a essa indagação, a reportagem interna usa alguns significantes que grifamos: “*São gente brava, que invade o terreno onde se funda a ordem capitalista: a propriedade privada.*” (VEJA, 1997, p.26).

Ao tratar o MST como gente brava que invade a propriedade privada, são lançados para o lugar ideológico daqueles que além de serem fora da lei (porque invasão é crime), eles são bravos, portanto uma ameaça iminente à ordem capitalista e à propriedade privada. Dessa maneira, é criada a representação do risco social, gerando medo, convocando o Estado a contê-los, a fim de trazer a segurança de volta, o que conseqüentemente legitima ações violentas por parte da polícia para garantir o suposto bem-estar da população brasileira, quando de fato o engodo reside justamente que toda essa manobra é para defender os interesses das elites detentoras da “*ordem capitalista: a propriedade privada*”.

De forma clara, Veja defende que a sociedade deve se basear no sistema capitalista e na manutenção da propriedade privada, portanto para protegê-la é preciso deter estes seres raivosos, “invasores” e “baderneiros” como são apresentados na capa de 03/05/2000. O uso semântico da própria palavra “invasão” de terras denuncia um ato ilegal que ofende a

legalidade da propriedade e, portanto, deve ser punido. Retira da luta pela terra o ato legal da ocupação.

Dessa maneira, podemos perceber que a revista narra os acontecimentos de maneira ideológica, utiliza-se de engodos para levar os seus leitores e a própria sociedade a aderir ao discurso que estão propondo como verdade. Assim, os leitores da revista passam a desconhecer o motivo social das ocupações e passam a apoiar ações repressoras do Estado em favor, neste caso, das elites rurais do agronegócio. Também fica omitido nessa operação que, ao apoiar as elites rurais, os trabalhadores abrem mão de seus direitos em favor de um discurso hegemônico que somente se presta a explorar a sua mão de obra para obtenção de lucro e mais-valia.

Os significantes aferidos por Veja ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra: ‘MST’, ‘desvia dinheiro’, ‘comete seus crimes’, ‘esquerda delirante’, ‘os miseráveis’, ‘ameaça’, ‘baderna’, ‘usa o pretexto da reforma agrária’, ‘esquerda com raiva’, ‘MST prega implosão’, ‘radicais’ – provocam um deslizamento da cadeia significante afirmando que o MST está no lugar ideológico do agrupamento de sujeitos lunáticos que lutam por algo totalmente sem sentido e que para alcançar seus ideais cometem crimes, roubam, explodem e fazem tudo isso com o pretexto de reforma agrária, que é colocado por Veja como algo arcaico e fora de moda. Dessa forma, as demandas desse movimento estão totalmente deslegitimadas no cenário político.

Nesse sentido, as capas de 1995 a 2002 (período FHC) apresentam o MST como um movimento “anti-Estado democrático”, como a capa que apresenta a chacina de Eldorado dos Carajás (24/04/1996); e as duas capas sobre a marcha até Brasília (16/04/1997 e 23/04/1997), todas fazendo alusão à luta do movimento que se coloca acima das leis do Estado democrático neoliberal, devendo, portanto, ser reprimido com mais severidade pela justiça, visto que sua causa não é legítima e por isso ameaça o *status quo* da sociedade brasileira.

Nessa mesma lógica, as capas no período Lula (2003-2010) continuam deslegitimando o movimento, mostrando que esse é um braço do Partido dos Trabalhadores (PT), fazendo parte assim de uma rede de corrupção organizada que rouba o dinheiro público. A cor vermelha sempre presente, tanto nas capas sobre o governo petista, quanto nas capas sobre o MST, sinaliza claramente esta fusão entre ambos, colocando-os no mesmo lugar ideológico: corruptos, como nos diz a capa: “Abrimos o Cofre do MST”.

Um fato a ser considerado é a quantidade de revistas que trazem especificamente o MST em sua capa antes e após o governo PT: no período de Fernando Henrique Cardoso (oito anos) temos um total de cinco capas, enquanto que no governo Lula e Dilma (dez anos) temos

apenas duas capas. Essa diferença pode sinalizar que, no período FHC a revista possuía maior necessidade de atacar os movimentos sociais a fim de legitimar as ações do Estado, de privatizações e implementação de uma ideia de Estado mínimo, pareando o Brasil às outras nações capitalistas neoliberais. No período PT, a revista se detém a atacar o governo, apresentando o MST nas duas capas (“Abrimos o cofre do MST” e “A Esquerda Delirante”) como um movimento que além de ser um braço do Estado, é financiado por este, dando a entender que esses formam uma quadrilha de bandidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens das capas trouxeram temas específicos ligados a um lugar ideológico que a revista intencionalmente deseja criar para estes sujeitos. Não há nenhuma matéria de capa, tampouco artigos e editoriais que tragam o que é um movimento social, qual a sua finalidade; suas demandas, a legitimidade política de suas ações ou o seu histórico, evidenciando que a revista não possui interesse em divulgar estas informações, portanto se faz aí uma opção política que supõe diretamente a defesa de uma classe social que não admite a legitimidade dos movimentos sociais, neste caso o MST, que vem questionar a elite rural no Brasil.

Para garantir o êxito de suas informações e do convencimento do seu leitor, a revista narra os fatos que já se passaram sem mencionar a trajetória histórica dos motivos e das ações que levaram o movimento até ali. Sem contexto e sem outras informações adicionais que tragam a versão do MST, o leitor assume o discurso de Veja como verdade e passa a reproduzir na sociedade esses enunciados que definem o lugar ideológico dos movimentos sociais que lutam legitimamente no campo político por direitos.

O leitor com menos tempo ou mesmo sensibilidade para, tomando emprestados termos da matemática, realizar “provas reais” das notícias, ou seja, procurar outras fontes de informação para contrapor diferentes abordagens e fundamentar melhor seus pontos de vista a respeito dos temas sobre os quais lê, facilmente é levado a pensar que as coisas acontecem exatamente da maneira como são publicadas. É questão superada o fato de que este leitor não se resume à passividade, mas ainda assim, no caso de sua opinião se basear em uma única fonte, esta tendencialmente produzirá uma visão totalizante sobre aquilo de que fala e provavelmente as chances de criticidade passarão a se reduzir. (MOTTA, 2012, p. 327-328)

A posição de poder que Veja exerce no mercado, garantindo-se como a revista mais vendida no país, lhe confere grande força ideológica na transmissão de suas informações. Essa veiculação de ideologias faz prevalecer o lugar do MST como baderneiro, corrupto,

criminoso. Quanto mais o MST e os demais movimentos ficam deslegitimados no cenário político, mais o discurso hegemônico do capitalismo poderá agir sem oposição e com isso os interesses das elites continuam se valendo das benesses do Estado e da exploração da mão de obra do trabalhador.

Percebemos ainda que para a implementação do sistema capitalista, Veja defende abertamente valores como o individualismo travestido de liberdade; o esforço individual colocado no trabalho como suficiente para se conseguir sucesso financeiro e pessoal; o bom comportamento de todos os sujeitos como garantidor da paz social. Neste mesmo sentido há uma defesa da propriedade privada e do agronegócio em detrimento de outras formas de organização.

Todas as capas apresentam o mesmo movimento social, especificamente o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, veiculando por meio de diferentes significantes (baderneiros, corruptos, violentos e loucos) uma única verdade: a hegemonia do discurso autoritário e da repressão, resquício de suas origens de apoio e acobertamento da ditadura militar.

No período FHC, a revista trazia um MST perigoso que brigava contra o Estado, mas após ascensão de Lula ao governo federal, passou a apresentar um movimento ligado ao governo, denominando-o, inclusive, de “braço armado” do PT, transferindo ao Lula e à sua administração todas as conotações feitas em relação ao movimento, ou seja, movimento e governo, juntos, passaram a representar a corrupção, a violência, o devaneio e a baderna.

Estas capas apresentam textos ideológicos, pois a revista vai montando um arsenal contrário às organizações sociais e políticas que se intitulam de esquerda, legitimando discursos das elites nacionais que colocam as militâncias e políticas públicas voltadas para o povo como sinônimo da má administração pública e da permissividade do inaceitável, deixando clara sua parcialidade em relação aos governos e aos movimentos sociais, enaltecendo a ideia de um Estado mínimo, que apenas garanta as condições para que o mercado regule a sociedade.

Nesse sentido, podemos citar um exemplo no qual a revista Veja aparece como argumento de autoridade: há um processo² em andamento no Supremo Tribunal Federal, em que o Ministério Público Federal questiona a constitucionalidade no uso de recursos do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) que financiou a criação de vagas na UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) em um curso de Veterinária para

² Cf. Superior Tribunal Federal

http://www.trf4.jus.br/trf4/processos/visualizar_documento_gedpro.php?local=trf4&documento=3673400&hash=c7989c331e2e4468d9e81a646d536994

assentados de movimentos sociais do campo, como o MST, o Movimento de Mulheres Campesinas (MMC) e o Movimento de Atingidos por Barragens (MAB).

Na argumentação da Des. Federal Marga Inge Barth Tessler consta a Veja para embasar seu argumento de que vivemos sob um Estado mínimo e, portanto, este não está para garantir políticas de acesso a todo tipo de grupo minoritário, neste caso excluindo assentados de movimentos, pois para ela esses estudantes não teriam direito a estas vagas pela sua condição de classe social. Em sua argumentação ainda há críticas a outros programas já existentes, PROUNI e Cotas raciais.

Não queremos entrar aqui nos meandros do debate jurídico, o importante a se destacar é que a revista Veja, com sua abordagem parcial a respeito dos movimentos sociais e sua clara defesa dos interesses das elites, serviu como referência para o judiciário apreciar essa questão. Neste caso, fica evidente que o lugar ideológico dos membros do movimento, ao tentar acessar o seu direito constitucional à educação, passa a ser o de “os fora da lei” “baderneiros”, demonstrando assim a eficácia do discurso de Veja na sociedade brasileira.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristovão D. et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I, n. I - Julho de 2009. Disponível em http://rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf acesso em 22/01/2013.

ALMEIDA, Tânia. **Opiniões e Sentenças em Capas de Veja sobre o Primeiro Governo Lula (Brasil, 2002 a 2006)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de pós Graduação em Comunicação e Informação – Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

BRASIL. Superior Tribunal Federal. Disponível em: <http://www.trf4.jus.br/trf4/processos/visualizar_documento_gedpro.php?local=trf4&documento=3673400&hash=c7989c331e2e4468d9e81a646d536994>. Acesso em: 22 out. 2012.

LARA JUNIOR, Nadir. Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST. *Revista NERA (UNESP)*, v. 20, p. 156-174, 2012a.

LARA JUNIOR, Nadir. Quanto custa o (não) saber sobre as tramas ideológicas do capitalismo?. In.: Lima, Aluísio Ferreira de. **Psicologia Social Crítica**, Paradoxes do Contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2012b, p.219-235.

MAGALHÃES, Belmira e MARIANI, Bethânia. Processos de subjetivação e Identificação: ideologia e Inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, n. 2, maio/ago, 2010.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: GIANNOTI, José Arthur (Org.) **Os Pensadores**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1974. p. 329-410.

MEDEIROS, Vanise G. . Discurso, memória e movimentos sociais. In: Medeiros, Vanise; Mariani, Bethania. (Org.). *Discurso e....* Rio de Janeiro: 7Letras; FAPERJ, 2012, p. 208-220.

MOTTA, Diego Airoso da. **Os Programas Nacionais de Direitos Humanos nas Revistas Semanais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. **Revista Em Aberto**, ano 14, n. 61, jan/mar, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli, Discurso e Argumentação: Um Observatório do Político. **Fórum Linguístico**, n. 1, jul/dez, 1998.